

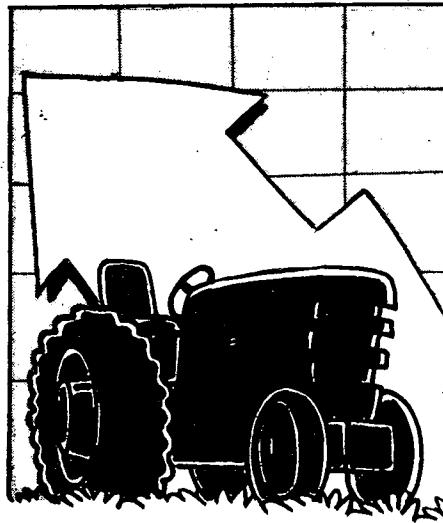
Soja, ainda uma boa opção

Raul Paulo Costa

O produtor rural está acabando de colher uma safra de soja cujas estimativas giram em torno de 22,5 milhões de toneladas, um significativo aumento em relação às 19,5 milhões de toneladas produzidas em 1992. Os preços recebidos pelo agricultor que tem boa produtividade foram e são razoáveis, girando hoje em torno de 9,5 dólares a saca, tendo chegado no ano passado a até 12 dólares em média e 14 no Paraná. Essa situação razoavelmente boa está acontecendo em meio às incertezas da economia, à especulação e, principalmente, à falta de perspectivas de melhorias em meio à galopante e altíssima inflação que acaba com a atividade produtiva. A inflação é o grande mecanismo de transferência de renda dos assalariados e do capital produtivo para os segmentos especulativo-financeiros, ultimamente conhecidos como os "sócios da inflação".

A remuneração razoável que o produtor de soja vem recebendo desde o ano passado representa apenas um início de recuperação, o começo da necessária recapitalização. Não se pode esquecer que alguns fatores que levaram à quebra do produtor rural em 1990 e 1991 ainda estão aí, como as altas taxas de juro, contínuas mudanças nas regras da comercialização, a maior tributação do mundo sobre produtos alimentícios, ineficiência e altos custos dos portos, além da desastrosa situação das rodovias, tanto as vicinais como os troncos asfaltados.

De qualquer maneira, não há dúvida de que o produtor de soja está melhor situado do que os agricultores que plantaram outros grãos, como



CICERO

arroz, milho, feijão e trigo. Isso não ocorreu por qualquer proteção governamental — que também faltou ao setor de soja — mas tão-somente pela situação de mercado. Toda a agricultura é importante. Deveria merecer o apoio do Governo e da sociedade. Mas, infelizmente, o Governo não honrou as AGFs (Aquisições do Governo Federal), deixando de comprar a produção financiada que não alcançou no mercado nem mesmo os preços mínimos (em alguns casos já baixos) fixados pelo próprio Governo. Em 1992 o Governo simplesmente deu calote no produtor de milho, arroz e feijão, entre outros.

Um fato estranho e discriminatório à soja veio com as recentes medidas de apoio à agricultura, anunciadas pelo Governo. Por um lado, ele se

propõe a comprar, para programas sociais e de alimentação, 390 mil latas de óleo de soja por mês, chegando a dois milhões de latas/mês em 1995. Mas, estranhamente, algumas das linhas de crédito contemplam arroz, feijão, milho e mandioca, produtos da cesta básica, esquecendo que a soja também faz parte dessa cesta, através do óleo. E, também estranhamente, a cana foi incluída juntamente com aqueles produtos básicos.

O produtor de soja, apesar de todas as dificuldades acima apontadas, foi beneficiado pelo fato de colher um produto com liquidez imediata, com preço em dólar e com o mercado absorvendo toda a produção, sem depender de possíveis compras do Governo e nem de preço mínimo. A agroindústria tem condições de comprar e processar toda a produção brasileira, ficando ainda com capacidade ociosa, o que significa que o agricultor pode expandir seus plantios nos próximos anos, sem problemas de colocação de seu produto. Afinal, mesmo esta safra de 22,5 milhões de toneladas ainda é inferior às 23,6 milhões de toneladas colhidas em 1989. Ainda não recuperamos a produção alcançada há quatro anos! Por isso, apesar de todas as dificuldades e apesar da inflação, o agricultor pode continuar a plantar soja e outras oleaginosas, produtos nem sempre garantidos pelo Governo, mas, o que é mais importante, garantidos pelo mercado internacional e nacional.

Raul Paulo Costa, advogado, é presidente da Associação Brasileira da Indústria de Óleos Vegetais (Abiove).